



A prosperidade compartilhada constrói sociedades mais fortes

Remaclo Fischer Junior (*)

Qual seria a principal contribuição do cooperativismo na busca por sociedades mais prósperas?

As diversas questões que permeiam o Cooperativismo e seus princípios revelam para quem convive com ele aspectos relevantes que nos trazem reflexões animadoras. Ao longo da trajetória profissional, fomos levados a admirar independência, autonomia e capacidade individual como atributos centrais. Crescer, achávamos, significava depender cada vez menos dos outros. A experiência, porém, ensina lições menos óbvias. A autonomia continua sendo essencial, mas os melhores resultados costumam surgir por meio da cooperação.

A convivência com o cooperativismo reforça isso a cada dia. Soluções eficientes nascem, muitas vezes, presas ao contexto que as originou.

Mas quando cooperativas diferentes trocam experiências e adaptam caminhos, uma resposta pensada para um único espaço pode beneficiar milhares de pessoas.

Ideias promissoras ganham ainda mais força quando circulam e incorporam novas contribuições. Isso não diminui o mérito de quem as criou. Pelo contrário, esse mérito se multiplica quando outros ajudam a levá-las adiante. Embora a competição tenha seu papel no desenvolvimento econômico, ela nem sempre garante prosperidade duradoura. Nenhuma comunidade preserva equilíbrio quando oportunidades deixam de circular. Nenhuma economia sustenta crescimento no longo prazo quando os benefícios ficam concentrados nos mesmos espaços.

Um movimento que já é realidade

Esse cenário ajuda a explicar por que o cooperativismo segue crescendo em diferentes partes do mundo. Segundo a International Cooperative Alliance, mais de 1 bilhão de pessoas participam hoje de cooperativas, cerca de 12% da população global. No Brasil, são 25 milhões de cooperados e,

de acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras, mais de 4,5 mil cooperativas respondem por cerca de 6% do PIB nacional.

Não por acaso, o país acaba de dar um passo importante nessa direção. A Lei nº 15.433/2026 reconheceu oficialmente o cooperativismo como manifestação da cultura nacional, reforçando o que o dia a dia de milhões de brasileiros já mostrava: relações construídas com colaboração, confiança e compromisso coletivo geram impacto concreto.

Entre as vivências que mais me marcaram, poucas ensinaram tanto quanto observar cooperativas atuando em conjunto. Determinados avanços mudam de escala quando deixamos de olhar apenas para o que beneficia nossas organizações e passamos a enxergar o alcance de soluções construídas coletivamente. Isso acontece entre cooperativas singulares, entre equipes, entre sistemas. É esse movimento, o princípio da intercooperação, que explica boa parte do impacto do modelo.

O setor de saúde ilustra isso com clareza. Mesmo o médico mais preparado conta com uma equipe multiprofissional para alcançar os melhores resultados. Nenhum paciente atravessa um tratamento delicado sem uma rede inteira de profissionais atuando juntos, compartilhando conhecimento e dividindo responsabilidades. Certos resultados simplesmente não pertencem ao esforço isolado.

Uma lição para Cooperativismo

O Cooperativismo demonstra que anos de convivência com esse modelo ajudaram a construir: crescer sozinho nunca foi a forma mais inteligente de construir algo duradouro. Permitir que outras pessoas avancem conosco, respeitando os méritos individuais, amplia o que somos capazes de realizar. No fim, é assim, com prosperidade compartilhada, que sociedades mais fortes se constroem.

(*) Presidente do Sistema Uniced.

IA expõe falhas operacionais com dados fragmentados

Os investimentos corporativos em inteligência artificial cresceram em ritmo acelerado nos últimos anos e os resultados confirmam que a tecnologia entrega o que promete, ao menos em parte

Rodrigo Costa (*)

Mas quando o assunto muda de produtividade para expansão de receita, a realidade é outra. A distância entre ter IA funcionando e gerar impacto mensurável com a inovação é maior do que boa parte do mercado ainda prefere admitir, e os dados que começam a se acumular tornam a discussão cada vez mais difícil de evitar.

A adoção foi impulsionada pela promessa de acelerar as operações e ampliar a produtividade. O avanço tecnológico entregou impactos concretos, mas a expansão corporativa começou a revelar uma limitação que aparece quando iniciativas pontuais tentam alcançar proporções maiores. Parte relevante desse progresso encontra dificuldade para sustentar consistência porque precisa conviver com ambientes fragmentados, integrações incompletas e regras construídas para responder a demandas imediatas.

Quando a infraestrutura de dados não acompanha a evolução do negócio, a tecnologia consegue gerar apenas ganhos limitados. Sem dados organizados, integrados e confiáveis, automações, analytics e IA ampliam inconsistências já existentes na operação. Em muitos casos, a tecnologia apenas torna visíveis limitações que permaneceram diluídas por anos.

O estudo global da Deloitte focado em IA aponta que 74% das empresas relatam retorno dentro ou acima das expectativas iniciais com a ferramenta, porém uma parcela expressiva desses projetos enfrenta barreiras para avançar além de aplicações pontuais e transformar o desempenho localizado em escala corporativa sustentável. Isso indica que a lacuna está na estrutura necessária para sustentar a sua expansão.

Os resultados observados em projetos de maior escala mostram que novas plataformas não reorganizam processos desestruturados por conta



Rodrigo Costa

própria. Com IA e automação, fluxos minimamente organizados passaram a funcionar como pré-requisito para captura consistente de valor. Sem essa base, a digitalização apenas amplia falhas já existentes em velocidade maior.

O custo que permanece diluído

O problema aparece com mais nitidez quando a inteligência artificial começa a processar fluxos transacionais completos, conectando sistemas financeiros, aplicações logísticas e canais de relacionamento que, ao longo do tempo, foram integrados por ajustes sucessivos e soluções parciais implementadas para resolver apenas problemas imediatos.

Sistemas que nunca conversaram entre si, plataformas adquiridas em momentos diferentes e adaptações para garantir continuidade onde as conexões falhavam tornaram-se parte da rotina operacional. Essas práticas foram incorporadas ao cotidiano corporativo até perderem visibilidade e se consolidarem como origem objetiva da perda operacional.

Adotar é diferente de transformar

A pesquisa da McKinsey mostra que 88% das organizações já usam IA em ao menos uma função de negócio, mas quase dois terços ainda não escalaram a adoção para além das equipes onde foi aplicada a primeira implementação. Apenas 6% registram impacto acima de 5% no EBIT, o que deixa claro que

implementar IA e extrair valor estratégico são movimentos completamente diferentes.

Quando a inteligência artificial amplia capacidade de leitura sobre grandes volumes transacionais, começam a aparecer repetições que deixaram de ser exceção, inconsistências acumuladas ao longo do tempo e falhas recorrentes que continuam sem correção estrutural.

Nas áreas financeiras, o padrão aparece em camadas de validação manual. No atendimento ao cliente surge uma lógica semelhante, com transferências repetidas entre canais sem compartilhamento contextual. Em operações logísticas, a ausência de integração entre sistemas amplia ciclos e compromete a previsibilidade. Em todos esses casos, o processo digital existe, mas foi construído sobre uma estrutura que depende de intervenção humana para continuar funcionando.

A nova regra para a automação

O levantamento do Fórum Econômico Mundial indica que 86% das empresas esperam que IA e processamento de informação revolucionem seus negócios até 2030. O relatório aponta também que a transformação exige redesenho consistente de processos. Adicionar ferramentas sem revisar o que está por baixo não gera mudança, apenas replica limitações existentes em escala corporativa.

A inteligência artificial ampliou a capacidade de leitura sobre fluxos críticos e trouxe visibilidade para limitações que durante anos permaneceram diluídas na rotina corporativa. A maturidade desse debate começa justamente quando a atenção do mercado se concentra menos na adoção isolada de tecnologia e mais na qualidade estrutural necessária para absorver a transformação com consistência. Capturar valor com automação exige revisão de processos, integração entre ambientes e correção de ineficiências que a tecnologia finalmente conseguiu expor.

(*) CTO & Head de Digital Business da Kron Digital.

A manutenção preventiva continua sendo ignorada até que o problema apareça

Empresas ainda priorizam correções emergenciais, apesar dos impactos que falhas em infraestrutura podem causar sobre produtividade, receita e continuidade operacional.

O custo médio global de uma violação de dados chegou a US\$ 4,44 milhões em 2025, segundo o relatório Cost of a Data Breach, da IBM. O levantamento mostra que incidentes tecnológicos geram impactos que vão além da área de TI, envolvendo resposta à crise, paralisações, perda de receita e danos à reputação. O dado reforça um alerta para empresas que ainda tratam a manutenção preventiva de redes, servidores, equipamentos e sistemas de segurança como uma prioridade secundária.

Para Pericles D'Elia Junior, empresário e especialista em infraestrutura tecnológica, segurança eletrônica e audiovisual, muitas organizações ainda só direcionam atenção à infraestrutura quando uma falha já comprometeu a operação.

“É muito comum encontrar empresas que investem em novos equipamentos e sistemas, mas deixam de lado a manutenção da estrutura que sustenta tudo isso. O problema é que a tecnologia costuma avisar antes de falhar, e esses sinais nem sempre recebem a atenção necessária”, afirma.

De acordo com o especialista, lentidão recorrente, instabilidade de rede, equipamentos operando acima da capacidade, falhas intermitentes e quedas ocasionais de conexão costumam ser indícios de que a infraestrutura precisa de revisão.

“Quando uma empresa espera a falha acontecer para agir, normalmente o custo já é muito maior. Além do reparo, existem impactos na produtividade das equipes, atrasos em processos internos, dificuldades no atendimento ao cliente e perdas financeiras decorrentes da interrupção das operações”, explica.

O avanço da computação em nuvem, da inteligência artificial e dos sistemas cada vez mais integrados ampliou a importância da manutenção preventiva. Hoje, praticamente todas as áreas

de uma empresa dependem de ambientes tecnológicos estáveis para funcionar adequadamente.

Segundo Pericles, um dos erros mais comuns é acreditar que a ausência de problemas aparentes significa que tudo está funcionando corretamente.

“Muitas vulnerabilidades ficam invisíveis por meses ou anos. Cabeamentos deteriorados, equipamentos próximos do limite de capacidade, sistemas desatualizados e falhas de configuração podem permanecer ocultos até que um incidente mais grave aconteça”, diz.

Na avaliação do especialista, a manutenção preventiva deve ser encarada como parte da estratégia operacional das empresas, e não apenas como uma atividade técnica.

“Quando falamos de infraestrutura, estamos falando da base que sustenta vendas, atendimento, financeiro, comunicação e diversas outras áreas. Quanto mais dependente a empresa se torna da tecnologia, mais importante passa a ser o acompanhamento preventivo desses ambientes”, afirma.

A lógica é semelhante à adotada em setores nos quais interrupções não são aceitáveis, como transmissões ao vivo, eventos de grande porte e operações críticas. Nesses ambientes, revisões periódicas e monitoramento constante fazem parte da rotina justamente para reduzir riscos e evitar paralisações inesperadas.

Com mais de 25 anos de atuação em projetos de infraestrutura tecnológica, redes corporativas, segurança eletrônica e audiovisual, Pericles acredita que a prevenção continuará sendo um diferencial competitivo para empresas que buscam maior estabilidade operacional.

“A manutenção preventiva raramente recebe reconhecimento quando tudo está funcionando. Mas é justamente ela que evita problemas capazes de gerar prejuízos muito maiores no futuro. A maioria das falhas críticas poderia ser minimizada ou até evitada com acompanhamento adequado e revisões periódicas”, conclui.

